

A MOSCA DA CABEÇA BRANCA

Eugênia Menezes

Passei metade de minha vida tentando entender o mundo. Depois desisti. As tentativas, no entanto, me deixaram um saldo favorável: além de aqui acolá entender alguma coisa, mesmo sem importância, eu me vi diante de situações tolas ou complicadíssimas, mas sempre interessantes.

Como exemplo, o dia em que vi, pela primeira vez, um casulo na parede do curral. Era de um verde suave, e, a uma determinada altura, havia uma fila de pontos dourados minúsculos. Parecia o cordão de ouro que minha madrinha me deu. O casulo fixava-se na parede por uma lâmina de algodão finíssimo, um véu delicado e tênue. Como se não bastasse tamanha formosura, fui informada de que se tratava de uma lagarta encantada que breve viraria borboleta.

Esqueci de dizer que esses acontecidos foram vividos na fazenda onde nasci e vivi até dez anos. Eu era bastante familiarizada com os animais e logo cedo comecei a registrar suas falas. Os sapos são avaros: só cantam se chover, mas os pássaros são generosos. Eu sabia como todos nasciam, e foi uma grande surpresa saber que as cobras punham ovos. Quem diria!

Um dia dei-me conta de não saber como as moscas nascem. Mosquinhas da barriga da mãe, ou saem de minúsculos ovos? Ao aprofundar minha pesquisa, registrei nunca ter visto uma mosca criança. Todas eram do mesmo tamanho, da mesma cor. Além do mais, de todos os bichos de couro, pena, casco e o que mais houver, a mosca era o único que não falava. Não falava nada, num reino onde até muriçoca fala.

O mistério da vida das moscas aumentou quando percebi minha mãe dizendo, depois de fazer doces de mamão, goiaba, coco e banana, pondo-os sobre a mesa: *cuidado com as moscas*,

1

assim, imponente, da mesma forma que diria: *cuidado com as crianças*. Disse também: casa perto do curral tem muita mosca. Pensei encontrar ali uma pista para seu surgimento: acaso nasceriam das vacas?

Qual não foi a minha surpresa ao deparar-me com uma mosca bem maior que as usuais, de cor verde cintilante. Fiquei fascinada. -É uma varejeira, disse alguém. É bonita, mas tem cara de ser do mal. Eu não saberia dizer se, com aquela descoberta, o mistério das moscas clareava ou escurecia. A varejeira não é apenas bonita, ela é marcante, causa estranheza. E assim fui catalogando meu Tratado Geral das Moscas, entre outros.

Um dia o vaqueiro comunicou: as mutucas estão castigando a pereba da vaca. Respondendo à minha pergunta, meu pai explicou: mutuca é aquela mosca bem pequena, de asas arredondadas e que morde muito. Assim foi sendo construído meu aprendizado. Contribuiu para isso o fato de meu primo Toinho ter ganho do pai, que andava próspero nos negócios, um binóculo. -A gente vê tudo bem de pertinho, disse ele, orgulhoso. Eu também queria ver as coisas bem de pertinho, cubá-las, compreendê-las. Eu queria ver o mundo com o olhar de Lince.

Perguntei a meu pai por que Toinho ganhava presentes formidáveis. O problema, disse ele, com um rasgo de despeito no olhar, é que seu tio engoliu a mosca azul.

A mosca azul e os complexos de todas as cores do mundo.

Pouco a pouco, eu, que padronizava as moscas, quase desdenhava delas, comecei a perceber diferenças e a mergulhar no seu mistério.

Meu fascínio por elas só aumentava.

Saí da fazenda para estudar com vários conhecimentos zoobotânicos e muitas dúvidas. Não pude continuar minhas pesquisas sobre o mundo porque me faltava matéria-prima. Moscas, não as

havia na asséptica cidade. Lagartas encantadas, menos ainda. Até que um dia vi um cartaz na porta do Cine Capitólio, em Campina Grande, anunciando um filme: *A mosca da cabeça branca*.

Não sei descrever o alvoroço que me acometeu. O filme era impróprio até quatorze anos, mas me fantasiei de mocinha e entrei. Não sei quem eram os atores, o diretor, nada que lhe dê credibilidade, a não ser o fato de ter sido refilmado há alguns anos, mas não o revi.

O filme narra a história de um cientista que mantinha um laboratório clandestino no terreno de casa, onde também se situava a editora do sogro. Por razões éticas, o cientista não partilhava com seus pares o andamento de suas pesquisas. Empenhava-se em fabricar uma máquina que pudesse transportar objetos, documentos e pessoas – razão de seu sigilo - de um lugar para outro. A máquina da transferência. A mulher sentia algo estranho na atitude do marido, mas não tinha idéia do que fosse.

Quando achou que era hora de efetuar o primeiro teste, o cientista colocou na máquina um prato de porcelana *made in China*. Ao reavê-lo, a inscrição estava invertida e sua mulher, ao dar-se conta do ocorrido, começou a espioná-lo. Prosseguindo em suas experiências, o cientista põe na máquina o gato angorá da família. Ao sentir sua falta, ela questiona asperamente o marido e exige o gato de volta. Constrangido, ele lhe comunica que o animal não chegara ao seu destino, nem voltara ao ponto de partida. –E onde está? Ao que ele, de olhos baixos: - Ele agora é apenas um feixe de átomos de gato perdido no espaço.

Apesar disso, o cientista entra na máquina, corajosamente fazendo-se de cobaia, para identificar a falha nos comandos. Prepara-se, aciona o botão e quando chega ao destino ... está deformado. Com ele entrara uma mosca e, no trajeto, seus átomos misturaram-se: ele estava com

cabeça e braço de mosca. Inconformado, pediu que a mulher acionasse uma máquina da editora, onde colocou a cabeça e o braço, para que não restasse vestígio de sua experiência.

Enquanto isso, no jardim, enredada numa teia, uma mosca da cabeça branca como um rosto, com a mão suplicava: *help me, help me...*

Quando supostamente terminei minha análise, um dia sonhei que estava num jardim. Eu tinha uma outra cabeça, estava ansiosa, um tanto desamparada. Tinha entrado e saído da máquina da transferência. Olhava para os lados e repetia: *help me, help me.*

Recife, maio de 2004

Idéia-núcleo:

- 1) “É bonita, mas tem cara de ser do mal. Eu não saberia dizer se, com aquela descoberta, o mistério das moscas clareava ou escurecia.”
- 2) Pouco a pouco, eu, que padronizava as moscas, quase desdenhava delas, comecei a perceber diferenças e a mergulhar no seu mistério. Meu fascínio por elas só aumentava.”

